

**A QUERÊNCIA FABRIL: O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE  
TRADICIONALISTA ENTRE TRABALHADORES METALÚRGICOS DE CAXIAS  
DO SUL ENTRE 1980 E 2010**

Bolívar Kieling Júnior<sup>1</sup>

**Resumo:**

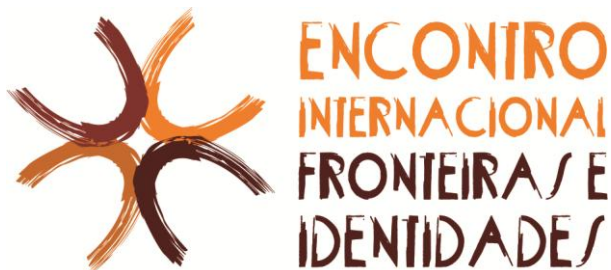
Este trabalho visa analisar a emergência de uma identidade regionalista sul rio grandense de viés tradicionalista entre grupos de trabalhadores das grandes empresas metal mecânicas de Caxias do Sul organizados em CTGs entre 1980 e 2010. A escolha por abordar estes grupos se alinha à forte correlação entre dois fenômenos: um relacionado à migração intra-estadual dirigida à cidade, destinada à ocupação de postos de empregos nestas grandes empresas e outro relativo ao crescimento significativo das manifestações tradicionalistas no município, este que reconhecidamente, nos discursos que visam informar sobre a sociedade caxiense, tem na imputação de características específicas de um ethos do trabalho aos locais, relacionadas a sua descendência de imigrantes italianos, a explicação do desenvolvimento econômico acentuado do município. Desta forma, estes migrantes recentes “outsiders”, confrontados a “estabelecidos” simbolicamente positivados através do atributo do trabalho, tiveram na adoção e construção de uma identidade tradicionalista uma forma de inserção positivada na sociedade caxiense. As fontes de pesquisa do estudo concentraram-se em notícias na mídia impressa local sobre estes grupos, sua documentação burocrática e imagética e entrevistas com líderes e partícipes destes grupos com uso dos aportes da história oral.

Propor uma análise histórica da construção de uma identidade tradicionalista entre segmentos de trabalhadores das grandes empresas metal mecânicas de Caxias do Sul entre fins do século XX e início do XXI implica necessariamente em considerar a relevância de tal fenômeno dentro do imaginário local, onde continuamente são construídas representações e discursos que informam essa sociedade sobre si e sobre os outros, tanto quanto para si e para os outros. Leva-se em conta na construção deste imaginário um cenário interno de lutas por valorização correlacional entre diversos grupos, e no âmbito externo, seus objetivos de apresentar a população com relativa homogeneidade, atribuída de qualidades valorativas específicas.

**Desenvolvimento econômico, italianidade e migração interna**

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrando em História, bolsista da CAPES. E-mail: bolivarkj@hotmail.com



Com o objetivo de compreender os elementos basilares deste imaginário onde se localiza a construção de representações identitárias coletivas focadas neste estudo, torna-se necessária uma breve digressão histórica sobre a cidade de Caxias do Sul. Localizada na encosta superior nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, surgiu após o início do processo capitaneado pelo governo imperial de ocupação das terras devolutas por colonos imigrantes oriundos do que é atualmente o norte da Itália. A cidade conquistou economicamente o reconhecimento do seu alto índice de industrialização ocupando o segundo lugar em nível nacional na produção do setor metal mecânico a partir da década de 1980.

O amplo destaque econômico da cidade não passou despercebido dentro do processo de construção dos elementos identitários dos locais, ou dos bens simbólicos remissivos a uma “italianidade”. De fato, foi um dos substratos básicos para a composição de representações positivadas acerca dos imigrantes e seus descendentes dentro de um processo histórico de construção identitária contrastiva, ou seja, construída na oposição ao “outro”. Este outro, que serve como base representacional comparativa, concretiza-se na figura dos brasileiros não descendentes de imigrantes europeus recentes, localmente designados como “pelo-duros”, “luso-brasileiros”, “morenos”, “pardos” e “negros”, sem estas nomenclaturas estarem necessariamente correlatas ao fenótipo destes indivíduos. Embora na primeira metade do século XX o outro contrastivo pudesse estar numericamente reduzido e espacialmente distante da sociedade caxiense, a partir de 1950, um intenso fenômeno migratório trouxe à cidade dezenas de milhares de “brasileiros”, que também serviram de base para esta construção identitária da italianidade.

Os imigrantes italianos, para marcar a diferença, tinham uma expressão que resumia sua posição em relação ao outro. Diziam eles: “*Brasileiani tutti neri*”, ou seja, “Brasileiros todos negros”, ainda que tivessem apenas cabelos pretos e pele morena, eram vistos por eles como negros. Esse demarcador da diferença utilizava mais que o critério da raça: utilizava o ponto de vista de um grupo em relação ao outro.” (Giron, 2007, p. 41).

Os contínuos fluxos migratórios que atingiram a cidade tinham como base pessoas oriundas de cidades do Rio Grande do Sul e do sul de Santa Catarina. Esta migração interna forneceu a mão de obra necessária às linhas de produção das grandes empresas locais a baixo custo, possibilitando ao empresariado o lucro e a contínua acumulação de capital, ambos necessários para a expansão das instalações fabris. Na primeira metade do século, os



trabalhadores eram em geral descendentes de italianos das zonas rurais da Região de Colonização Italiana, que por variados motivos de cunho econômico, deslocaram-se para a urbe que oferecia empregos em abundância.

A modernização econômica local ocorrida durante as décadas de 1950 e 1960 incrementou a demanda por mão de obra, gerando um fluxo migratório que Herédia (2011, p.65) situa como o terceiro num conjunto de cinco fases distintas<sup>2</sup>. A maior parte deste contingente tinha como destino ocupacional as crescentes indústrias de transformação da cidade, caracterizando desta forma uma forte “associação entre o crescimento industrial e o crescimento das migrações” (Herédia, 2011, p. 68). Durante o Regime Militar, marca-se a quarta etapa deste fluxo migratório quando as indústrias caxienses consolidam-se, expandem seu parque fabril e forma-se na cidade uma infraestrutura e um setor terciário que oferecem suporte aos municípios vizinhos no que tange à educação, saúde e serviços em geral, criando grande número de postos de trabalho nos setores secundário e terciário. A quinta fase inicia-se na década de 1990 quando o destino dos migrantes se dá como mão de obra para o desenvolvimento do setor terciário, paralelamente ao preenchimento de postos do setor secundário em contínua expansão.

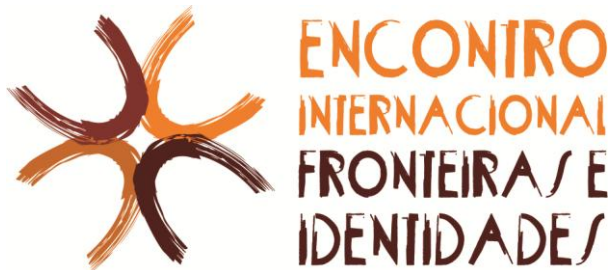
Nestes três conjuntos de deslocamentos, destacaram-se como principais pontos de procedência dos migrantes os municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha, Esmeralda, Bom Jesus e São Francisco de Paula. A partir dos anos 2000, os municípios de Santana do Livramento, Dom Pedrito, São Gabriel e Alegrete despontam como importantes pontos de origem dos migrantes, dando aos fluxos migratórios um forte caráter intraestadual (Herédia, 2011, p. 71).

O destino ocupacional destes trabalhadores migrantes, durante as duas últimas décadas do século XX, concentrou-se majoritariamente nas indústrias de transformação da cidade e nas vagas pouco valorizadas do setor terciário em expansão.

Em virtude destes processos migratórios, a população caxiense passa a assumir a partir da década de 1960 um caráter cada vez mais heterogêneo e diminui progressivamente a predominância de uma população de ascendência italiana. Este contato interétnico acentua a construção de representações positivadas a respeito de um *ethos* do trabalho associado à figura do imigrante italiano e seus descendentes.

---

<sup>2</sup> As duas fases predecessoras inserem-se dentro do processo de migração de imigrantes italianos e descendentes da zona rural para a urbana na primeira metade do século XX.



A positivação da italianidade ocorrerá em paralelo à ascensão econômica de Caxias do Sul,<sup>3</sup> demonstrando a complementaridade destes fenômenos: a ascensão do grupo no campo econômico engendrou em amplo ganho de capital simbólico.

De fato, a aproximação de destacados comerciantes e industriários locais ao fascismo italiano na década de 1930 permitiu a apropriação de representações favoráveis aos imigrantes e seus descendentes. Estes se associam aos atributos de um *ethos* do trabalho e da disciplina fornecido pelo modelo fascista.

De acordo com Giron (1994), esta vinculação à Itália fascista permitiu a configuração de uma italianidade que vai operar a distinção do grupo no contraste com os brasileiros. Para a autora,

“o ufanismo italiano na região não se limitava apenas ao reconhecimento da Itália fascista como sua pátria, levava também ao desprezo que os italianos passaram a revelar em relação aos brasileiros. O desprezo (...) evidenciava-se nas comparações entre a Itália e o Brasil, nos argumentos utilizados nas palestras e nos discursos. Os ‘italianos no exterior’ consideravam os brasileiros incompetentes, preguiçosos e ignorantes.” (Giron, 1994, p.111)

Ressalto que esta italianidade positivada, calcada no desenvolvimento econômico e associada a representações do modelo fascista italiano, foi apropriada na década de 1930 pela burguesia caxiense e compartilhada principalmente com as camadas urbanas de origem semelhante. Assim justificava seu recente sucesso econômico, ao mesmo tempo em que enquadrava os trabalhadores que migravam, oriundos da zona rural, num universo simbólico onde o esforço e o bom comportamento ligavam-se a outros valores que fomentavam o orgulho da coletividade, permitindo sua inserção social. A dimensão pejorativa da italianidade, associada ao colono continuou operante, acionada para marcar distinções entre o próprio grupo de imigrantes, na dicotomização entre os rurais e os urbanos ou nas lutas

---

<sup>3</sup> Na abordagem dos diferentes autores que retratam este contraste entre os descendentes de imigrantes italianos e os “brasileiros”, percebe-se claramente que o substrato básico deste processo de construção de uma identidade da *italianidade*, é o desenvolvimento econômico da cidade, justificado no discurso local por meio de atributos específicos destes “italianos”, principalmente o apego ao trabalho. Como a cidade experienciou ao longo de sua história poucas crises econômicas especificamente próprias em relação ao estado ou ao país, a positivação desta italianidade operou de formas variadas, mas constante, desde seus primeiros momentos. O período de maior interrupção neste processo pode ser considerado a Campanha de Nacionalização do Estado Novo, que dificultou a publicidade de representações positivadas de diferentes etnias ligadas a fluxos de imigrantes europeus no Brasil.



simbólicas dos urbanos frente a outros urbanos de variadas regiões do Rio Grande do Sul. (Giron & Radünz, 2007, p. 52)

A associação entre o fascismo e os líderes locais foi interrompida pela intervenção do Estado Novo, em 1938. As políticas nacionalizantes do período foram menos violentas e penetrantes na região de colonização italiana se comparadas à região dos imigrantes alemães<sup>4</sup>. De fato, em 1954, a inauguração do Monumento Nacional ao Imigrante e do busto de Getúlio Vargas em espaços próximos retratam a reaproximação entre o governo central e os líderes locais, que se sentiram afrontados com a proibição dos nomes italianos concedidos a praças e ruas da cidade. Entretanto, tal apropriação de elementos simbólicos no ideário fascista marca o primeiro grande processo de formação de um conjunto representacional positivado de uma italianidade local.

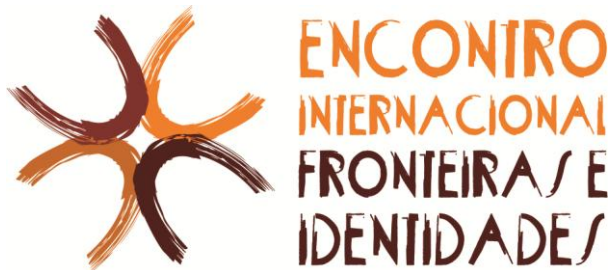
Nos estudos etnográficos promovidos por Thales de Azevedo na década de 1950 em Caxias do Sul, efetuados na esteira de um conjunto de pesquisas sociais do autor com temáticas relacionadas à mestiçagem e estereótipos raciais, surge com certa regularidade a figura do luso-brasileiro na Caxias do Sul da década de 1950. Em 1952 o autor relata em seus cadernos de estudos que a população lusa correspondia a cerca de um quinto do total da cidade, formada por burocratas, comerciantes, mas principalmente, por “morenos” e “marginais”, sem ocupação definida e condições de vida miseráveis (Azevedo, 1957, p. 55). Já em 1959, registra em seu caderno de pesquisa: “aumentam as malocas de Caxias com a vinda de gente de Bom Jesus, São Francisco de Paula e até de Santa Catarina; atração do alto salário regional.” (Azevedo, 1975, p. 295).

O contato destes luso-brasileiros com os descendentes de italianos ocorre num contexto onde os imigrantes e seus descendentes encontram-se positivados perante estes *outsiders*, e reforçam-se as clivagens entre grupos através do contraste das identidades atribuídas a um e outro. Azevedo relata:

“Parece evidente que a distância social entre o colono em começo de prosperidade e, de outro lado, o caboclo e o fazendeiro de Cima da Serra ajuda a acentuar o contraste de condições e modo de vida. O roceiro caboclo, o camponês brasileiro sem terra própria e dependente de patrões que não o estimulam, parece dar ao colono a impressão de uma cultura inferior, desprezível, que é assimilada depreciativamente à do negro, isto é do

---

<sup>4</sup> A historiografia sobre o tema aponta a língua latina e a religião católica como fatores que facilitaram a maior assimilação dos italianos à sociedade brasileira em relação aos alemães.



escravo; o fazendeiro é visto (...) que não faz lavouras, por preferir viver de seus enormes rebanhos, ao passo que o italiano do norte é trabalhador (...)" (Azevedo, 1975, p. 210).

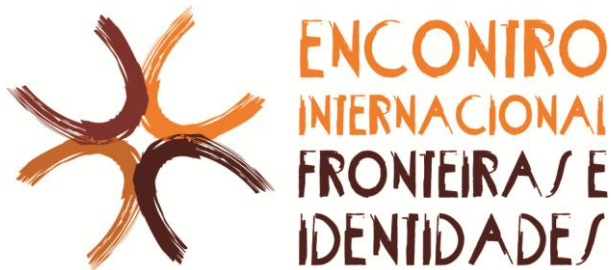
Percebe-se a imputação de representações simbólicas negativas ao grupo que migra e se estabelecerá na condição de *outsider*, bem como o ethos do trabalho positivando o italiano. Implícitas nas identidades dos dois grupos, estas representações compõem parte do universo simbólico da sociedade caxiense de 1950, marcando e segmentando seus habitantes em relações identitárias contrastivas.

O registro de Thales de Azevedo também aponta como o desenvolvimento econômico local é basilar para a construção das representações positivadas acerca dos descendentes de imigrantes italianos, então representativos da maioria populacional da cidade.

Em *Trajetórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul* (2008), Maria Clara Mocellin aponta que a formação de representações positivadas acerca da italianidade em Caxias do Sul se insere dentro de um contexto histórico, iniciado a partir da década de 1960, quando “setores do empresariado local são beneficiados pelas consequências de uma política desenvolvimentista adotada no país, abrindo assim o chamado processo de modernização econômica desta região” e impressas pela *intelligentsia* local em parte por meio de uma “vasta literatura sobre o tema da imigração italiana, como também por um redimensionamento nas políticas culturais praticadas pelos produtores culturais” (Mocellin, 2008, p. 14).

Os empresários e os intelectuais são apontados como os grupos sociais de atuação mais destacada na valorização da cultura da imigração. Os empresários passam a ser representados como modelos exemplares, e suas “trajetórias eram narradas enfatizando o sofrimento e a coragem dos antepassados para superar as adversidades da imigração, abordando igualmente o ‘espírito empreendedor’ e a coragem dos empresários que se aventuravam na indústria”. Já os intelectuais atuaram na condição de “promotores culturais”, escrevendo sobre o processo migratório e agindo no sentido de “desfazer alguns estigmas associados ao colono” (Mocellin, 2008, p.15).

Para a autora, a intensificação da chegada de migrantes de origem luso-brasileira foi fundamental para aguçar a configuração de representações dicotomizadas e reforçar as noções sobre um *ethos* do trabalho relativo aos portadores da italianidade.



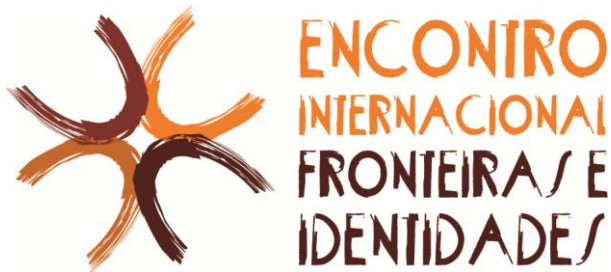
Atraída pela modernização econômica, especialmente pelas alternativas de emprego nas indústrias do setor metalúrgico, boa parte desse contingente migratório irá compor a mão-de-obra da indústria local. Veremos então como, desse encontro interétnico entre descendentes de imigrantes italianos (já estabelecidos) com os “brasileiros” (recém-chegados), constrói-se uma auto representação em que os descendentes de italianos se distinguem como “*mais trabalhadores*”, “*mais qualificados*”, “*mais aptos ao trabalho*”. (Mocellin, 2008, p. 178)

Em *Bendito é o fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul - RS*, Miriam Santos analisa a importância da Festa da Uva para as estratégias de elaboração dos elementos de distintividade da identidade ítalo-brasileira dos descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul. A autora inicia sua análise com uma ampla retomada histórica do processo migratório e do desenvolvimento inicial da cidade, onde já insere a discussão sobre as construções identitárias, que após serem analisados diacronicamente, também serão tratadas sob uma perspectiva sincrônica. De acordo com a autora,

“O valor social da cultura italiana é reafirmado através de uma distintividade étnica e funciona como um reforço da posição social dos italianos dentro da sociedade de Caxias do Sul (...) funciona também como um “capital étnico”, isto é, como uma vantagem econômica em função da etnicidade. Em suma a construção de uma identidade contrastiva em relação à sociedade nacional surge quando o grupo se diferencia □□separando colonos e cidadãos, mas, principalmente quando tal postura começa a se mostrar vantajosa, levando inclusive, nos últimos anos, a incorporação e reelaboração de valores e costumes camponeses por parte da população urbana.” (Santos, 2004, p. 179).

Em outros trechos deste trabalho, é apontado o fato dos descendentes de imigrantes italianos não mais constituírem a maioria da sociedade caxiense, embora compunham a maioria das classes mais altas. Percebe-se desta forma, como a autora concilia a noção de identidade contrastiva dentro da sociedade caxiense contemporânea. Este “outro”, que nos autores apontados anteriormente estava migrando para a cidade, aparece agora para Santos como estabelecido, parte da sociedade local, mas ainda elemento antitético à italianidade.

**Indícios para uma análise do tradicionalismo nos Centros de Tradição Gaúcha das grandes empresas metal mecânicas**



A inserção destes trabalhadores na sociedade local se dá em meio a um conjunto de representações já constituídas sobre a italianidade, que passam a ser reforçadas e redimensionadas na medida em que este contato entre os nativos e os migrantes se intensifica. O trabalho emerge enquanto categoria distintiva, operando as diferenciações simbólicas entre estes dois grupos.

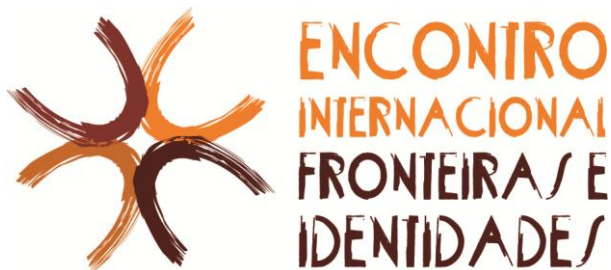
O contato “interétnico” entre patrões e subordinados foi automaticamente engendrado pelas relações de trabalho entre estes grupos. Tais relações tornam-se bastante complexas quando se toma consideração dos fatores identitários permeadores dos dois conjuntos: aquele que detém o capital econômico está também carregado de capital simbólico e social através de representações que lhe conferem alteridade por meio de uma característica distintiva (trabalho), enquanto que o grupo não detentor do capital econômico também não constitui um bloco homogêneo e está deslocado de sua região de origem. Cria-se em tal contexto, para este segundo grupo em especial, em meio a estas relações de trabalho, um campo profícuo para a construção de (ou associação a) uma identidade enaltecida.

Pesavento (1993) aponta que a identidade regionalista gaúcha forneceu aos trabalhadores migrantes “egressos do campo” representações positivadas, visto que “encontram no endosso das tradições gaúchas e na legitimação de uma determinada visão do social uma forma de compensação para as duras condições de vida” (p.392).

Estes trabalhadores recém-chegados, representados negativamente por meio da categoria distintiva do trabalho no universo simbólico local, têm na associação com o regionalismo uma forma de inserção positivada na sociedade caxiense. A simbologia pertinente ao gaúcho é então conjugada através de uma identidade que pode ser denominada ‘regionalista’, ‘gaudéria’ ou ‘tradicionalista’ (quando se tratando especificamente daquelas regradadas dentro dos CTGs), construída e assumida por um grande número destes trabalhadores migrantes.

Em Caxias do Sul, é possível perceber que esta identidade cultural já contempla um grande número de pessoas quando observamos o crescimento das manifestações ligadas ao tradicionalismo regional. Em menos de três décadas, festas e comemorações com esta temática assumiram grandes proporções, especialmente sob a forma de rodeios, festivais musicais e apresentações de danças. Anterior e paralelamente a este crescimento, surgiram





vários CTGs associados às grandes empresas metal-mecânicas (que cedem espaços físicos para sua implantação).

A rápida expansão de tais manifestações e a instalação de CTGs a partir da década de 1980 demonstram como esta identidade cultural relacionava-se a um grande número de caxienses, trabalhadores em sua maioria. Entretanto, na doxa local, manteve-se a representação do “italiano trabalhador” como o grande responsável pelo desenvolvimento econômico local, por mais que isto viesse fatalmente subestimando a importância histórica de milhares de operários com outras identificações étnicas e culturais presentes na cidade.

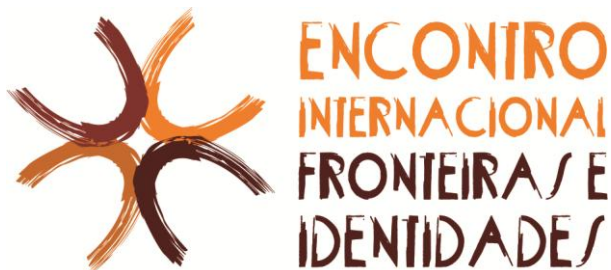
No recorte dos objetos desta pesquisa, serão focados quatro CTGs: *Os Carreiros*, formado por funcionários do grupo empresarial Randon, *Marco da Tradição*, de funcionários da empresa Marcopolo, *Sinuêlo*, da empresa Mundial, mas também concentrando trabalhadores do Grupo Voges e *Velha Carreta*, formado por funcionários da empresa Fras-le. Tais CTGs são os únicos com vinculação tão estreita a empresas, em espaços físicos por estas disponibilizados e fundados e frequentados por seus trabalhadores.

A escolha por analisar as dinâmicas sociais desenvolvidas entre os membros destes CTGs e a sociedade envolvente se deve ao fato destas instituições se constituírem como espaços especialmente focados na construção de manifestações ligadas a uma identidade cultural ancorada no tradicionalismo, aproximado ao mundo do trabalho no qual seus membros se encontram, explicitado na adoção de nomes relacionados de alguma forma à empresa (com exceção do *Sinuêlo*). O recorte temporal proposto por este trabalho vai ao encontro do período de surgimento destes grupos, de seu estabelecimento e de sua ascensão frente ao cenário tradicionalista local, porém com uma pequena margem temporal anterior para uma necessária análise do contexto do tradicionalismo local em suas emergências.

Serão três os principais tipos de fontes históricas abordadas para a pesquisa do objeto de estudo: periódicos, documentação dos CTGs e da vigésima quinta RT<sup>5</sup> e relatos orais. Neste momento da pesquisa, estão sendo produzidos os relatos orais, através de entrevistas com indivíduos relacionados à diretoria destes CTGs em diferentes momentos históricos. Estão sendo entrevistados três indivíduos por CTG, sendo no mínimo um de cada vinculado à fundação destes grupos.

---

<sup>5</sup> A Vigésima Quinta Região Tradicionalista (25ª RT) corresponde a uma instância regional dentro da estrutura do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), com a função de organizar e fiscalizar atividades dos CTGs e relacionadas ao tradicionalismo em geral.



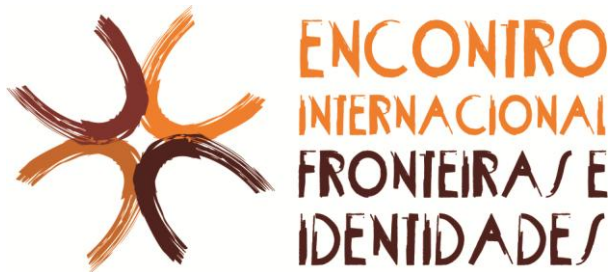
A realização de entrevistas com fins de análise histórica remete ao uso das metodologias propostas pela história oral, um campo de estudos envolvido em uma ampla carga de discussões e que aponta a diferentes propostas de procedimento e de análise destas entrevistas. O depoimento obtido por este método emerge como uma fonte histórica, porém fruto do diálogo proposto pelo pesquisador, entre ele e o pesquisado.

Propor o depoimento oral como apenas mais um tipo de fonte histórica incorre em desconsiderar a ampla interferência que o historiador possui na sua produção, o que deve também ser relevado e considerado na preparação destas entrevistas. Há também outros elementos importantes e específicos às pesquisas de história oral nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como as relações entre escrita e oralidade, memória e história, ou tradição oral e história. A memória especificamente, por sua importância basilar para a formulação destes relatos orais, suscita importantes considerações na história oral.

“A história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas; na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, e a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes; a narrativa, a forma de construção e organização do discurso são valorizadas pelo historiador” (Ferreira & Amado, 1996, p.171)

A relação íntima entre memória e identidade será amplamente considerada e problematizada na análise das entrevistas realizadas para este estudo. Neste sentido, as perspectivas sobre a relação entre memória e identidade de Michael Pollak também são pertinentes ao tema desta dissertação. Discípulo teórico de Pierre Bourdieu, Pollak percebe a identidade como uma manifestação do *habitus* de um grupo, dentro da qual a memória tem um papel central.

Visando uma análise histórica qualificada, serão também abordados no decorrer do trabalho documentos burocráticos e informativos dos próprios CTGs e notícias veiculadas na imprensa escrita local a respeito destas instituições dentro do recorte temporal proposto. Com isto, objetiva-se ampliar o espectro de informações disponíveis para estudo e cotejar estas informações com os relatos orais produzidos, aumentando os substratos analíticos.



## Referências

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos**. Rio de Janeiro/ Brasília, Catedra/INL, 1975.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras (1969). In: POUTIGNAT, Phlippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884 – 1925)**. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 171.

GIRON, Loraine Slomp. **As Sombras do Litório: o fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlenda, 1994. p. 109.

GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (orgs.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

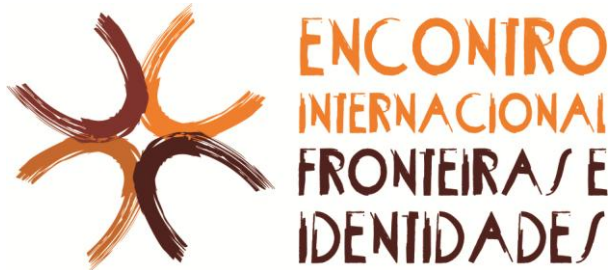
HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos; MOCELLIN, Maria Clara. (orgs). **Migrações internas e suas dinâmicas: o caso de Caxias do Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

KANAAN, Beatriz Rodrigues. **Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS**. Porto Alegre, 2008. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MOCELLIN, Maria Clara. **Trajetórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul**. Campinas, 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas.

OLIVEN, Ruben G. **A parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORO, Ari Pedro. "Mi son Talian" Considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. in: L.A. de Boni (org.) **A presença italiana no Brasil**. v.III, Porto Alegre, 1996. EST, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli.



PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. In: **Ensaio FEE**. Vol. 14, nº. 2, 1993.

POLLAK, Michael. **Memoria, olvido, silencio: la producción social de identidades frente a situaciones limite**. La Plata/Buenos Aires: Al Margen, 2006.

SANTOS, Miriam de Oliveira. **Bendito é o fruto: Festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul – RS**. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro.